

PSIS 21

| REVISTA OFICIAL DA ORDEM DOS PSICÓLOGOS PORTUGUESES | Distribuição Gratuita | Ed. Especial | Fevereiro 2012 |

1º Congresso Nacional da Ordem dos Psicólogos

EDIÇÃO ESPECIAL

CONGRESSO
**Conheça os
oradores convidados
e as conferências**

'AFIRMAR OS PSICÓLOGOS'
**Tudo sobre os workshops
do Congresso**

EVENTOS INTERNACIONAIS
**Congressos
organizados pela OPP
em 2013 e 2014**

REGRAS DE PUBLICIDADE NAS PUBLICAÇÕES DA ORDEM DOS PSICÓLOGOS PORTUGUESES

A Direcção da Ordem dos Psicólogos Portugueses (OPP) entende que o conteúdo da publicidade a incluir nas suas publicações deve respeitar de forma efectiva os princípios relativos à defesa da Psicologia, enquanto ciência e profissão, referidos na Lei n.º 57/2008, de 4 de Setembro, e no Estatuto da OPP aprovado em anexo a esta lei. A publicidade constante das publicações da OPP respeita assim, em todos os casos, os princípios éticos de defesa da Psicologia como ciência e profissão que são exigíveis a uma organização como a OPP.

Sem prejuízo das creditações concedidas por organismos oficiais portugueses, não é permitida publicidade que inclua referências a creditações concedidas por entidades nacionais ou estrangeiras que não tenham celebrado acordos de reconhecimento mútuo com a OPP.

Os conteúdos de toda a publicidade presente na Revista da OPP são da exclusiva responsabilidade dos seus autores e devem estar devidamente assinalados enquanto tal.

Direcção da Ordem dos Psicólogos Portugueses,
13 de Dezembro de 2011

PARA ANUNCIAR, POR FAVOR CONTACTE
publicidade@ordemdospsicologos.pt



Abril está quase aí.

Dentro de pouco tempo as portas do Centro Cultural de Belém abrir-se-ão para receber o primeiro Congresso da Ordem dos Psicólogos Portugueses.

É mais uma etapa importante que se concretiza. Será o princípio dos encontros da organização profissional dos psicólogos para que se conheçam, troquem impressões, apresentem trabalhos, estabeleçam redes de colaboração e, também, partilhem momentos de diversão.

Um Congresso é um encontro. E pode e deve ter o sentido pleno de um encontro. Seja o sentido de um primeiro encontro, seja o do reencontro.

No primeiro encontro descobrimos o outro, criamos impressões, experienciamos a sua presença e desenvolvemos sentimentos que nos levam a esperar e pensar o reencontro. No reencontro temos as boas memórias dos encontros passados, a vontade de repetir. Queremos que este Congresso seja um momento de encontros e de reencontros.

Com mais de 450 apresentações, temos a certeza de ter atingido uma diversidade de temas e problemas que permite uma ampla escolha. A estas apresentações somam-se as conferências principais e os workshops. Quisemos neste número especial

da PSIS21 dar uma antevisão do que poderá ser uma parte do Congresso. Para isso recolhemos entrevistas e depoimentos dos nossos oradores. Trata-se de um pequeno aperitivo para despertar o apetite para a refeição principal. Teremos ainda diversos espaços organizados para a discussão de assuntos profissionais, onde esperamos uma ampla colaboração dos participantes.

Foi com orgulho que recebemos o patrocínio do Sr. Presidente da República ao nosso Congresso. É um reconhecimento da actividade fundamental dos nossos profissionais.

Estamos a preparar mais iniciativas para que este seja um Congresso histórico. A Comissão Organizadora e a Comissão Científica têm desenvolvido um importante trabalho para garantir a realização de um grande Congresso.

Agora, resta-lhe a si decidir. Se quer estar ou se quer dizer, daqui a muitos anos, que faltou ao primeiro Congresso da Ordem dos Psicólogos.

Telmo Mourinho Baptista

Bastonário

FICHA TÉCNICA

Telmo Mourinho Baptista
DIRECTOR

Carlos Pereira da Silva
EDITOR

David Neto
COLABORAÇÃO

publicidade@ordemdos psicólogos.pt
PUBLICIDADE

Ordem dos Psicólogos Portugueses
www.ordemdos psicólogos.pt
PROPRIETÁRIO

Nau Identidade
www.nauidentidade.com
DESIGN

A3 . Artes Gráficas, Lda.
www.a3-pt.com
TIPOGRAFIA

20.000 exemplares
TIRAGEM

—
Isenta de registo na ERC ao abrigo do
art. 12º, n.º 1 a) do Decreto-Regulamentar
8/99 de 9 de Junho

—
ISSN 2182-4479

ÍNDICE

P. 03 **EDITORIAL**

P. 05 **BREVES**

P. 06 **ENTREVISTAS**

ANTÓNIO BRANCO VASCO
EDUARDO SÁ
GILLIAN HARDY
JORGE CORREIA JESUÍNO
JOSÉ MARIA PEIRÓ
MANUEL LOUREIRO
MANUELA CALHEIROS
MARGARIDA GASPARD DE MATOS
MÁRIO CEITIL
PEDRO ALMEIDA

Oradores

P. 16 **ENTREVISTA** **DAVID NETO**

Presidente da Comissão Organizadora do 1º Congresso Nacional da OPP

P. 18 **WORKSHOPS**

CARLA MOLEIRO
CONCEIÇÃO OLIVEIRA NEVES
MÁRCIO PEREIRA
RAQUEL RAIMUNDO
RUI ABRUNHOSA GONÇALVES
CRISTINA SOEIRO
ISABEL GONÇALVES
JAIME FERREIRA DA SILVA
MARIA JOÃO SILVA
RUTE AGULHAS

Workshops Congresso

P. 29 **NOTÍCIA**

OPP ORGANIZA CONGRESSOS INTERNACIONAIS

2013 e 2014

Comissão Científica do 1º Congresso da OPP

Está escolhida a Comissão Científica do Congresso. Dela fazem parte Ana Ramires, Carlos Anunciação, Carlos Simões, Eduardo Carqueja, Isabel Queiroz de Mello, Isabel de Sá, Isabel Trindade, Ivone Patrão, João Faria, João Salgado, José Ornelas, José Pais Ribeiro, Lúcia Ferros, Maria Ercília Duarte, Maria João Fagundes, Mónica Maymone, Patrícia, Jardim da Palma, Paula Mesquita e Paulo Mota Marques. ─

Congresso da Ordem conta com o Alto Patrocínio do Presidente da República

O 1º Congresso Nacional da Ordem dos Psicólogos Portugueses conta com o Alto Patrocínio do Presidente da República Portuguesa. O apoio da Presidência da República ao Congresso representa o reconhecimento do trabalho dos psicólogos e os contributos da Psicologia no país. É também o reconhecimento da importância que o 1º Congresso dos Psicólogos Portugueses assume no panorama nacional. ─

Mais de uma dezena de Oradores Nacionais e Internacionais no Congresso

António Branco Vasco, Eduardo Sá, José Maria Peiró, Manuela Calheiros, Margarida Gaspar de Matos, Pedro Almeida, Jorge Correia Jesuino e Gillian Hardy são apenas alguns dos oradores já confirmados para o 1º Congresso da Ordem dos Psicólogos. As temáticas escolhidas vão desde a importância da Psicologia Social e das Organizações para as questões laborais, em tempos de crise, até aos maus tratos e negligência a crianças, definição, contextualização e planeamento de estratégias de intervenção. ─

Inscreva-se no 1º Congresso na Ordem dos Psicólogos Portugueses

Para se inscrever ou submeter apresentações, os membros da OPP deverão usar os mesmos dados que usam para aceder à área pessoal do site da Ordem. Caso não seja membro, deverá criar uma conta para o mesmo efeito. Relembremos que o prazo para preço reduzido é 15 de Fevereiro de 2012. O endereço para se inscrever é: <http://inscricao-congresso.ordemdospsicologos.pt/>. ─

Workshops que visam responder às necessidades formativas dos Psicólogos

O 1º Congresso dos Psicólogos Portugueses vai contar com Workshops subordinados aos mais variados temas que vão desde aprender a fazer psicologia com as minorias, terapia familiar, intervenção psicológica em crise e emergência, psicopatia e sucesso social e coaching até à avaliação da qualidade da relação entre pais e filhos, entre outros. Tudo workshops que procuram responder às necessidades formativas dos psicólogos nas suas diversas áreas. ─

Mais de quatro centenas de apresentações no Congresso da OPP

Chegaram ao Congresso cerca de 450 apresentações, dos mais variados domínios da psicologia, contextos profissionais e zonas do país. Os Psicólogos estão a aproveitar a oportunidade para mostrar o seu trabalho. Para a organização, este é o resultado de meses de trabalho em equipa para um congresso que pretende ser um agregador dos psicólogos, onde estes possam estabelecer parcerias, fazer ligações e trocar experiências. ─

ANTÓNIO BRANCO VASCO

CONFERÊNCIA

“Quando um peixe encarnado nos começa, de súbito, a revelar a sua também cor negra, pintemo-lo, então, digamos, de amarelo: em volta da integração em psicoterapia”

Fotografia: LightFactory / Conceição Pires

UMA APRESENTAÇÃO QUE SE CENTRA NA IMPORTÂNCIA DA INTEGRAÇÃO E DO ATENDER AO PROCESSO DA PSICOTERAPIA.

PSIS21: Porque é que é importante a integração em psicoterapia?

António Branco Vasco: Cerca de sessenta anos de investigação de eficácia/resultado em psicoterapia vieram, com poucas excepções, confirmar aquilo que ficou conhecido na literatura como o “Verdicto do Pássaro Dodo”. Ou seja, “Todos ganharam, todos merecem prémio!”. Isto significa que quando utilizamos critérios nosológicos todas as orientações teóricas testadas empiricamente parecem ter resultados relativamente equivalentes. A integração em psicoterapia surge como reflexo deste facto, salientando a importância de utilizar, articuladamente, formas de conceptualização, avaliação e intervenção que capitalizem simultaneamente nos factores comuns a todas as orientações e nas especificidades heurísticas de cada uma delas.

PSIS21: Em que é que as novas investigações de processo alargam o nosso conhecimento de psicoterapia?

ABV: Como referido anteriormente, a investigação de eficácia/resultado, permite-se-me a metáfora: utilizando um “macroscópio” (avaliação no início e fim da intervenção), e recorrendo a ensaios clínicos com base em critérios nosológicos, levou-nos, de certa forma, a um beco

sem saída, dada a equivalência de resultados. A investigação de processo tenta, ao utilizar um “microscópio” que consiste no recurso à observação e avaliação ao longo de todo o processo terapêutico, melhor entender o “aqui e agora” da intervenção para otimizar os processos de tomada de decisão clínica com base na “realidade subjectiva” da interacção entre paciente e terapeuta, mais numa lógica de “psicologia de duas pessoas.”

PSIS21: Como vê o estado da psicoterapia em Portugal?

ABV: Se, por um lado, vejo como positiva e como sinal de desenvolvimento da comunidade psicoterapêutica não só a diversidade de oferta relativamente a serviços e formação e o facto de um número significativo de terapeutas terem

abandonado a “escolástica fundamentalista” (na última investigação que realizei, cerca de 18% dos terapeutas consideravam-se integrativos e cerca de 80% reconheciam utilizar os princípios e técnicas de mais de uma orientação teórica), por outro, tenho alguma apreensão que esta proliferação de oferta, sem regulação adequada, possa afectar a qualidade dessa mesma oferta.

PSIS21: O que diria a um psicólogo que quer aplicar um modelo de psicoterapia a um contexto real de prática?

ABV: Lembraria a afirmação de Hipócrates: “Mais importante do que a perturbação que o paciente tem é a pessoa que o paciente é!”

António Branco Vasco | Professor Catedrático da Faculdade de Psicologia da Universidade de Lisboa | Psicólogo, psicoterapeuta e investigador | Membro do «Advisory Board» da «Society for the Exploration of Psychotherapy Integration».

EDUARDO SÁ

CONFERÊNCIA

“A Psicologia e o Futuro”



UMA REFLEXÃO SOBRE AS GRANDES CONQUISTAS QUE O MUNDO CONTEMPORÂNEO VIVE DESDE HÁ 200 ANOS, COM PARTICULAR ATENÇÃO PARA OS CUSTOS DE UMA IDEIA POSITIVISTA DE CIÊNCIA.

PSIS21: Em que é que consiste a sua conferência?

Eduardo Sá: A minha conferência pretende fazer uma reflexão centrada nas grandes conquistas que o mundo contemporâneo vive desde há 200 anos, chamando a atenção para os custos duma ideia positivista de ciência, nomeadamente, em relação ao esvaziamento dos actos de humanidade, à subjugação da singularidade e da subjectividade humanas à curva normal, defendendo que as pessoas (e a psicologia) serão os grandes eixos das transformações sociais e civilizacionais no futuro.

PSIS21: Que transformações vê como mais relevantes a nível familiar e educacional?

ES: Teremos, neste momento, as melhores famílias que a Humanidade jamais conheceu. Mas temos uma escola que não se adequa, como devia, aos ritmos e às necessidades das crianças. Um sistema educativo que, por vezes, parece assumir-se como uma linha de montagem de jovens tecnocratas de mochila (e que, qual publicidade enganosa, os converte em mestres aos 23 anos), não é nem amigo das crianças nem amigo do futuro. Famílias que cultivam, como nunca, uma ideia de família e pessoas mais instruídas e mais educadas são o princípio duma revolução tranquila.

PSIS21: Em que é que a psicologia pode contribuir para contrariar o esvaziamento da sociedade contemporânea?

ES: Pode contribuir assumindo-se, de forma clara, como uma provedoria informal de humanidade, interpellando, denunciando e formando a opinião pública no sentido de colaborar nas transformações fundamentais que o mundo tem de promover em favor das pessoas. Na política, na justiça, na educação e na saúde. Não desistindo, jamais, de esclarecer que os técnicos de saúde mental são aqueles que - no meio laboral, na escola, na família e na intimidade da vida mental de cada um - melhor potenciam recursos, mais aclaram estratégias de desenvolvimento e mais nos ajudam a perceber que o melhor do mundo é o futuro.

PSIS21: Em que aspectos a psicologia actual se adequa ou não à sociedade contemporânea?

ES: A psicologia que se ensina nas escolas de psicologia, por vezes, ainda não. Porque dissocia, vezes demais, os modelos científicos da “jurisprudência” da própria vida. A psicologia, tal como ela é avaliada nas escolas superiores, tem pouco a ver com a sociedade e com o próprio compromisso universitário (que deve centrar-se numa relação próxima e forte

com os alunos, numa dinâmica de partilha de conhecimentos atenta e intensa), muito mais que em parâmetros burocráticos sufocantes que parecem querer transformar a *universitas facultatum* numa sucessão de efeitos especiais, unicamente comprometidos com os objectivos de carreira. A psicologia tal qual se pratica, todos os dias, adequa-se - cada vez mais - à sociedade contemporânea, porque introduz, como mais ninguém, contraditório onde, por vezes, domina a unicidade. ■

Eduardo Sá | Psicólogo clínico, psicanalista e professor de psicologia clínica na Universidade de Coimbra e no Instituto Superior de Psicologia Aplicada (ISPA) | Director da Clínica Bebés & Crescidos.

GILLIAN HARDY

CONFERÊNCIA

“Usar uma abordagem por níveis para melhorar o acesso ao tratamento psicológico”



UMA REFLEXÃO SOBRE A IMPLEMENTAÇÃO DO PROJECTO ‘IMPROVING ACCESS TO PSYCHOLOGICAL TREATMENTS’ (IAPT).

PSIS21: Como nasceu o programa IAPT (Improving Access to Psychological Treatments)?

Gillian Hardy: A iniciativa do Programa IAPT foi inicialmente concebida por um economista, Lord Layard, sob o argumento de que havia muitas pessoas com baixa médica devido a problemas de saúde mental, tratáveis, mas que não tinham acesso à intervenção psicológica. Layard defendia que fornecer esse acesso iria, não só, reduzir os custos pessoais para esses indivíduos e famílias, mas que se iria também beneficiar a sociedade como um todo. O desafio para os psicólogos era saber se estas intervenções baseadas na evidência poderiam ser implementadas em tão grande escala e em que formato.

PSIS21: Porque é tão importante melhorar o acesso ao tratamento psicológico?

GH: Por várias razões. Primeiro porque é frequente haver listas de espera muito longas para tratamentos psicológicos no Serviço Nacional de Saúde. Segundo, porque os utentes têm preferência pelo tratamento psicológico, e terceiro porque há evidência sustentada da efectividade do tratamento psicológico. Isto é, no contexto dos problemas de saúde mental, particularmente nos casos de depressão e ansiedade, há um significativo peso em

termos económicos e de saúde para a sociedade em geral, e daí a decisão do governo Britânico em abordar esta questão.

PSIS21: Que lições retiram do Programa IAPT no que toca à implementação de projectos desta natureza?

GH: Na nossa avaliação dos centros piloto, as principais lições foram no sentido de que a abordagem por níveis melhorou o acesso aos tratamentos psicológicos. Além disso, os serviços foram bem-sucedidos no estabelecimento de caminhos não tradicionais para o serviço e o acesso a populações de “difícil acesso”, como sejam as pessoas de minorias étnicas.

PSIS21: Quais são as vantagens e desvantagens de uma abordagem por níveis nos serviços de saúde?

GH: Essa é uma questão interessante. A evidência para uma abordagem por níveis não é muito extensa. Da nossa avaliação, esta abordagem foi bem-sucedida ao providenciar um grande volume de serviço para pessoas com depressão e distúrbios de ansiedade, o que incluiu primariamente a auto-ajuda guiada, baseada em princípios cognitivos e comportamentais. A visão inicial de parceria entre o NHS (Serviço Nacional de Saúde britânico) e os parceiros externos não foi

concretizada. Conseguimos reduzir os tempos de espera e ter resultados semelhantes aos dos serviços existentes.

PSIS21: Defenderia a abordagem por níveis como uma escada que os clientes percorrem ou como uma terapêutica diferenciada após triagem?

GH: Ambas as abordagens têm sido usadas com os serviços do IAPT. Todas as referências para alguns dos serviços do IAPT são vistas primeiro pelos técnicos do programa e depois encaminhadas para o nível seguinte, se necessário. Outros serviços encaminham directamente os pacientes para os vários níveis do serviço dependendo do diagnóstico do paciente e da gravidade. ▀

Gillian Hardy | Psicóloga e Professora Catedrática na Universidade de Sheffield | Tem investigado e publicado em três domínios de investigação: teoria aplicada; factores que influenciam o processo e resultado da terapia; stress ocupacional e perturbação psicológica | Membro do Centre for Psychological Services Research da Universidade de Sheffield.

JORGE CORREIA JESUÍNO

CONFERÊNCIA

*“Da legitimidade
da deontologia profissional”*



Fotografia: LightFactory / Conceição Pires

UMA ANÁLISE DA PROFISSÃO ASSOCIADA AO CONCEITO DE PROFISSIONALISMO E O FACTO DE SER REGIDO POR UM CÓDIGO DEONTOLÓGICO.

PSIS21: Qual é o objectivo e o tema central da sua conferência?

Jorge Correia Jesuíno: A noção de deontologia profissional aplicada à ética, às profissões, não é um conceito pacífico. A Ordem dos Psicólogos, sendo algo muito recente e estando naquela fronteira entre a saúde mental e normalidade, está num terreno que é muito complexo. É normal que a própria legitimidade de uma ética aplicada à profissão levante alguns problemas. E eu aproveito essa questão para analisar um pouco a profissão associada ao conceito de profissionalismo, porque tradicionalmente uma das vertentes fundamentais do conceito de profissão é o facto de ser regido por um código deontológico, ter um conjunto de normas.

PSIS21: Como é vista essa realidade nos nossos dias?

JCJ: Hoje em dia o conceito de profissão alargou-se desmesuradamente. É difícil estabelecer fronteiras entre o que é uma profissão e o que é uma ocupação. Isto, porque tudo se profissiona-

lizou e qualquer ocupação executada com profissionalismo pode comportar essa componente, e sendo assim, como muitos intelectuais argumentam, não há deontologias. Há apenas uma ética que é aplicável a todos os cidadãos e, portanto, razão para distinguir entre o que é uma profissão e o cidadão. Depois entramos também numa outra questão, que é traçar as fronteiras entre a moral e a ética. Há também alguns filósofos que na linha da contestação às deontologias dizem que essa fronteira não tem grande sentido. Nós podemos ter decisões éticas que não são morais e decisões morais que não são éticas.

PSIS21: Como vê a importância do Código Deontológico?

JCJ: Um código deontológico dirige-se a uma população vasta e tem um carácter muito pragmático, por isso deve fixar regras. Mas deve deixar também espaço para um certo bom senso pessoal. Até na aplicação da lei o factor cultural é muito importante. O bom senso é muito impor-

tante. Em circunstâncias extremas é o sujeito que tem que decidir, não tem nenhum código. O profissional perante dilemas éticos de situações extremas está sozinho a escolher. É importante que o profissional entenda que há circunstâncias em que está sozinho e aí tem que usar toda a sua experiência, bom senso e sobretudo responsabilidade, no sentido de responder pelas suas decisões.

PSIS21: Porque é que é importante assistir a esta conferência?

JCJ: O psicólogo precisa muito de cultura geral, precisa de filosofia, precisa de literatura, experiência de vida. Os alunos hoje em dia são cada vez melhores do ponto de vista técnico, mas tendem a ter uma visão cada vez mais estreita. Ora quando estamos numa profissão que lida com os problemas das pessoas, e não falo apenas no psicólogo clínico, estamos sempre perante questões muito complexas. Se nos limitarmos a ver os problemas apenas numa perspectiva muito técnica perdemos o contexto cultural. Será importante para reflectirmos sobre qual será o sentido da nossa profissão, nomeadamente sobre o que significa ser psicólogo.

JOSÉ MARIA PEIRÓ

CONFERÊNCIA

“Os contributos da Psicologia do Trabalho e das Organizações em tempos de Crise Económica”



A IMPORTÂNCIA DA PSICOLOGIA SOCIAL E DAS ORGANIZAÇÕES PARA AS QUESTÕES LABORAIS QUE, EM TEMPOS DE CRISE, ASSUMEM MAIOR RELEVÂNCIA.

PSIS21: Em que aspectos pode a Psicologia ser uma mais-valia em cenários de Crise Económica?

José Maria Peiró: A Psicologia conta com conhecimentos e competências profissionais relevantes para prestar contributos significativos à sociedade no contexto de crise económica. Por um lado, a intervenção ao nível vocacional pode ser de grande utilidade em situações de crise, quando se verifica uma elevada taxa de desemprego. Por outro, uma intervenção clínica pode ajudar a superar problemas e dificuldades relacionadas com o cenário de instabilidade. Além disso, a Psicologia contribui também para promover a inovação e iniciativas empreendedoras e pode contribuir também para que as exigências do mercado de trabalho tomem em consideração as necessidades dos trabalhadores.

PSIS21: Como é que o psicólogo pode actuar junto dos trabalhadores para os tornar mais eficientes?

JMP: A Psicologia do trabalho melhora a eficácia e a produtividade dos trabalhadores e, ao mesmo tempo, promove condições de trabalho saudáveis e previne os riscos laborais, em particular os de carácter psicossocial. É cada vez mais importante a preparação para um trabalho em equipa eficaz e produtivo, para o uso adequado das novas tecnologias e para a

adaptação às mudanças organizacionais e oportunidades que daí poderão advir. O Psicólogo das Organizações contribui também para desenhar sistemas de compensações e recompensas adequados e equitativos. Conseguir uma gestão das pessoas com justiça organizacional é um desafio muito importante. Além disso, ajudar à formulação e desenvolvimento de um contrato psicológico, entre a empresa e o trabalhador, é um outro aspecto de crucial importância.

PSIS21: Qual é o objectivo da conferência e o que traz de novo?

JMP: A Conferência pretende oferecer uma análise da situação de crise, que toma em consideração os aspectos problemáticos e as suas repercussões sobre o trabalho das pessoas, o seu desempenho e a complexidade que isso traz na gestão dos recursos humanos nas empresas. Pretende também fazer uma análise das oportunidades da crise, em especial, se esta é compatível com a promoção do bem-estar e com a saúde laboral, tendo

em conta as exigências ao nível da produtividade e dos benefícios para a empresa. Estes serão os aspectos mais destacados.

PSIS21: Tendo em conta as necessidades de aumento de produtividade das empresas com menos recursos haverá espaço para a promoção do bem-estar dos trabalhadores?

JMP: O bem-estar e o desenvolvimento dos trabalhadores são fundamentais para o êxito das empresas. Esse bem-estar só poderá ser sustentável se houver uma boa integração da produtividade, eficácia, eficiência e bom desempenho com a satisfação do trabalhador, as suas oportunidades de realizar um trabalho interessante, a sua responsabilidade, as suas competências pessoais e o seu crescimento profissional. Logicamente que neste campo a Psicologia pode contribuir para que o bem-estar e o rendimento não se coloquem em extremos opostos, onde a promoção de um deles leva ao descuido do outro. Pelo contrário, pretende contribuir para que estes se sustentem mutuamente. ■

José Maria Peiró | Professor Catedrático de Psicologia Social e das Organizações | Director do Instituto de Psicologia de Recursos Humanos, Desenvolvimento Organizacional e Qualidade de Vida no Trabalho da Universidade de Valência | Coordenador-geral do «European Master of Work, Organizational and Personnel Psychology»

MANUEL LOUREIRO

CONFERÊNCIA

“Intervenção empiricamente suportada com recurso a manuais de tratamento e novas áreas de afirmação dos psicólogos”



MANUAIS DE TRATAMENTO SÃO MAIS UMA ALTERNATIVA QUE AUMENTA O ÂMBITO DOS DOMÍNIOS DE INTERVENÇÃO DOS PSICÓLOGOS.

PSIS21: Quais são os aspectos positivos e negativos de se manualizar uma intervenção?

Manuel Loureiro: Pondo a questão desta forma podemos dizer, considerando os aspectos positivos como facilitadores, que estandardizar tratamentos com base em manuais representa uma alternativa com implicações profundas na prática psicoterapêutica, se quisermos que esta estenda o seu alcance para além dos meios em que vem sendo aplicada. Uma das virtualidades a apontar prende-se com a facilitação dos processos de investigação acerca dos efeitos do tratamento, que sem uma definição sistemática prévia dos mesmos se torna muito difícil. Mesmo com essa sistematização os manuais podem ser usados com flexibilidade, com o rigor assegurado pela estruturação, sequenciação, duração, conteúdos e metas de cada sessão. Considerando os aspectos negativos como os susceptíveis de se traduzirem

nalgum tipo de dificuldade, apontaria o que para alguns seria o aspecto mais negativo e que tem a ver com a necessidade do tratamento dever ser individualizado e dificilmente redutível a um conjunto de instruções ou manual de receitas, levando a aplicações mecânicas, sem a necessária flexibilidade, e inibindo a espontaneidade que se espera de um processo terapêutico.

PSIS21: Que elementos da intervenção ou avaliação não são passíveis desta standardização?

ML: Não manualizável é o saber ser e o saber estar do terapeuta, o seu domínio emocional, competências interpessoais, em particular a capacidade empática e também os seus conhecimentos técnicos, a sua capacidade de decisão em cima do acontecimento, por exemplo, em função das circunstâncias prolongar ou encurtar um aspecto do manual de tratamento...

PSIS21: O que diria aos clínicos que resistem à adopção deste tipo de standardização?

ML: Que se trata apenas de mais uma alternativa, que aumenta o âmbito dos domínios de intervenção dos psicólogos, sem limitar os já existentes.

PSIS21: Em que contextos, para além dos tradicionais, considera que a existência de *guidelines* ou manuais se torna mais premente?

ML: Vêm-me à mente imediatamente os âmbitos da saúde e da educação, os contextos tanto individuais como grupais ou comunitários, por referência a problemáticas que têm de ser abordadas numa perspectiva preventiva, como por exemplo a prevenção do envolvimento em comportamentos de risco ou a violência no namoro, ou numa perspectiva de resolução de problemas sociais como o comportamento violento, ou ainda numa perspectiva de saúde mental, intervindo nos problemas de ansiedade, depressão ou tentativas de suicídio. ■

MANUELA CALHEIROS

CONFERÊNCIA

“Mau trato e negligência a crianças: Da definição e contextualização ao planeamento de estratégias de intervenção”



Fotografia: LightFactory / Conceição Pires

UMA CONFERÊNCIA QUE VISA REFLECTIR SOBRE O FENÓMENO DO MAU TRATO E NEGLIGÊNCIA, TENDO EM CONTA ASPECTOS DE DEFINIÇÃO, SINALIZAÇÃO E DETERMINANTES DOS MESMOS.

PSIS21: Quando fala em mau trato refere-se apenas ao infantil, ou a outras pessoas também vulneráveis?

Manuela Calheiros: Estou a referir-me ao mau trato a crianças e perpetrado pelos pais ou seus substitutos e outros familiares, mas sobretudo por pais. De facto, as funções parentais, na maioria das situações, são conduzidas e exercidas normativamente através dum poder funcional que tem por objectivo um harmonioso e integral desenvolvimento físico, intelectual, social e moral das crianças. Mas também pode conduzir a um exercício demasiado assimétrico de poder onde nem sempre são garantidas as condições que promovem o bem-estar e desenvolvimento dos filhos.

PSIS21: Que impacto pode ter o mau trato no futuro das crianças?

MC: As crianças são mais vulneráveis aos efeitos da violência porque esta pode alterar as fases e trajectórias típicas do desenvolvimento, observando-se dois ti-

pos de efeitos: Efeitos primários, como ansiedade, depressão ou stress pós-traumático. E reacções secundárias, como progressão disruptiva da criança nas tarefas de desenvolvimento em diferentes idades. No entanto, o impacto do mau trato no futuro depende de vários factores que requerem uma atenção especial sempre que lidamos com estas situações. Aqui salientarei apenas quatro dos factores que condicionam as consequências do mau trato para a criança. A natureza do mau trato, sendo que o mau trato psicológico e a negligência são aqueles que aparecem associados a consequências mais graves; as capacidades da criança para avaliar, responder e lidar com a violência; o desenvolvimento cognitivo, emocional e capacidades físicas da mesma, e os recursos de protecção e suporte do meio. A exposição a diferentes formas de abuso conduz a resultados mais graves de desenvolvimento do que se for exposto somente a uma.

PSIS21: Que contributos pode dar a psicologia no apoio à vítima de maus tratos?

MC: A Psicologia tem um vasto campo de trabalho nesta área, sendo uma das áreas que mais pode contribuir para a diminuição deste problema. A sua intervenção pode ser a nível individual, parental e familiar através da avaliação e intervenção clínica com as crianças vítimas e de aconselhamento, psicoterapia ou educação parental com os pais; a nível comunitário aplicando programas de prevenção e intervenção, na gestão de programas e de serviços de intervenção, assim como na criação de recursos comunitários de combate ao problema; ao nível da investigação desenvolvendo instrumentos de avaliação, testando procedimentos e técnicas de intervenção nos diferentes níveis acima assinalados, no desenho e avaliação de programas de intervenção, etc. ■

MARGARIDA GASPAR DE MATOS

CONFERÊNCIA

“Regresso ao futuro: Activação de recursos enquanto aposta do(a)s cidadãos e do(a)s psicólogo(a)s em tempos de crise”



Fotografia: LightFactory / Conceição Pires

UM ENFOQUE NOS PROBLEMAS PARA O DESENVOLVIMENTO DE UMA POSIÇÃO MAIS CONSTRUTIVA E PROACTIVA, CENTRADA NOS RECURSOS DAS PESSOAS.

PSIS21: Que recursos pode o ser humano encontrar em si para fazer face à crise?

Margarida Gaspar de Matos: Começo pela capacidade de identificar pensamentos e emoções e de os gerir de modo a aumentar a sua eficácia pessoal, o seu bem-estar e a sua percepção de realização pessoal. Depois a capacidade de criar e manter um grupo social de apoio: redes familiares e as redes sociais.

PSIS21: Qual é a importância de dar novos significados aos acontecimentos?

MGM: Grande parte do nosso comportamento é mediada pela nossa interpretação dos acontecimentos. Aplica-se a célebre instrução: se o problema tem solução e a solução está em nós, tentemos resolvê-lo e mudar, se o problema não tem solução ou a solução não é acessível, tentemos mudar o significado desse acontecimento e limitar o seu impacto na nossa vida. Quando se trata de acontecimentos positivos, é então necessário aprender a parar para usufruir, para que

a vida não nos escorra sem termos tido tempo de reparar nela.

PSIS21: Como podem as pessoas activar os recursos individuais e sobretudo como mantê-los activos?

MGM: Quando o desenvolvimento da criança e do adolescente se passa bem, esta é uma aprendizagem natural que vai acontecendo de forma eficaz, sem stress e aos poucos, no dia-a-dia, pela observação dos pais, dos irmãos, dos restantes familiares e mais tarde dos amigos, professores, vizinhos. Os problemas ocorrem quando estes modelos não estão disponíveis, ou quando estando disponíveis não são “modelos adequados”: pais ansiosos, pais deprimidos, pais agressivos, pais manipuladores, pais super-protectores, dificultando o acesso a um adulto de referência – um modelo. Para coroar a situação pode ocorrer a ligação a um grupo de pares problemático, que pode ter graves consequências se os recursos individuais não foram anteriormente desenvolvidos. Nestes casos é útil uma acção terapêu-

tica, levada a cabo por um(a) Psicólogo(a) com formação adequada.

PSIS21: Em contextos de crise o que distingue uma pessoa resiliente?

MGM: A capacidade de obter «ternura das pedras», de virar os acontecimentos a seu favor, de encarar os desaires como oportunidades, de manter a serenidade em alturas de crise, de manter o humor ao lidar com problemas. Temos aqui um misto de características pessoais e de competências pessoais que podem ser desenvolvidas. Claro que o comportamento de uma pessoa resiliente na crise também tem a ver com a gravidade e duração da crise, e ainda com a coesão social e grupo social de apoio disponível. Mesmo uma pessoa muito resiliente não se aguenta muito bem no confronto com mais de quatro acontecimentos de vida negativos. Estudos na área apontam para este número. Também revelam que para crises extremas a família é um apoio mais útil que os amigos, a não ser que a família claro seja o cerne do problema.

MÁRIO CEITIL

CONFERÊNCIA

“Psicologia Social, Psicologia das Organizações e Psicossociologia: Horizontes dos Conceitos e Ambiguidades das Práticas”



UM ENCONTRO QUE PROCURA ESTABELECEER A ESPECIFICIDADE E O VALOR QUE OS PSICÓLOGOS PODEM TRAZER ÀS INTERVENÇÕES REALIZADAS EM CONTEXTO ORGANIZACIONAL.

PSIS21: Qual é o objectivo da Conferência?

Mário Ceitil: A Conferência tem dois objectivos principais: Em primeiro lugar, clarificar os contornos epistemológicos, teóricos e técnicos destes três domínios disciplinares para, em segundo lugar, procurar identificar as linhas de diferenciação e de complementaridade entre eles, de modo a promover uma intervenção mais eficaz, lúcida e deontologicamente informada por parte dos profissionais que se dedicam a estes campos de actividade. Como, nestes domínios, e outros afins, intervêm profissionais de diferentes áreas disciplinares, procurar-se-á estabelecer a especificidade e o valor acrescentado que os psicólogos podem trazer às intervenções realizadas em contexto organizacional, que tenham a pessoa, e a sua fenomenologia socio-organizacional, como centro de acção.

PSIS21: Havendo vários tipos de técnicos a trabalhar nesta área, qual é o espaço que o psicólogo deve lutar para que seja exclusivamente seu?

MC: Eu não colocaria tanto a tónica na exclusividade, que me parece um conceito talvez excessivamente corporativista, mas na diferenciação e na vantagem

comparativa. Usando uma expressão que se tornou conhecida nos domínios da estratégia empresarial, creio que o psicólogo deve orientar-se mais numa estratégia “oceano azul”, ou seja, criar horizontes de oportunidades e diferenciar-se pela maior qualidade, objectividade, fundamentação científica e rigor deontológico das suas práticas. Estas são, na minha perspectiva, condições essenciais para que as intervenções dos psicólogos possam garantir aos seus clientes uma maior sustentabilidade nos projectos de mudança e de melhoria que estão justamente na base dos pedidos de intervenção, sobretudo nos domínios da Psicologia das Organizações e da Psicossociologia.

PSIS21: E qual o espaço que deve partilhar interdisciplinarmente?

MC: Essa é uma questão que é difícil de responder neste espaço. A Psicologia é, por essência e, até, por vocação, uma ciência interdisciplinar. De todos os chamados ramos da Psicologia, a Psicologia Social e a Psicologia das Organizações são aqueles onde a interdisciplinaridade é, porventura, maior, tanto no domínio dos conceitos como, sobretudo, no domínio das práticas. As tendências para gerar uma interdisciplinaridade sem

critério, feita com base nos imperativos de uma equívoca “praxeologia do acaso”, espreitam a cada esquina das encruzilhadas da intervenção psicossociológica, sobretudo em domínios que são, por definição e por natureza, mais “proteiformes”, quer dizer, com contornos menos definidos. Isso acontece, por exemplo, na Gestão de Recursos Humanos, onde muitos Psicólogos Sociais e Organizacionais encontram um espaço de empregabilidade estatisticamente relevante. Mais uma vez, a “afirmação dos psicólogos” é essencial para garantir uma interdisciplinaridade sinérgica e não uma miscelânea sem critério. ■

Mário Ceitil | Director associado da CE-GOC | Managing Director da FranklinCovey Portugal | Director da Licenciatura de GRH da Universidade Lusófona.

PEDRO ALMEIDA

CONFERÊNCIA

“Da Psicologia do Desporto e da Actividade Física à Psicologia do Desporto e da Performance: evolução, «estado da arte» e perspectivas futuras”



Fotografia: LightFactory / Conceição Pires

UM ENCONTRO PARA FALAR ACERCA DA EVOLUÇÃO E “ESTADO DA ARTE” DOS PSICÓLOGOS NOS CONTEXTOS DE DESPORTO E ACTIVIDADE FÍSICA BEM COMO DAS PERSPECTIVAS QUE ENFRENTAMOS NO FUTURO.

PSIS21: Qual é o objectivo desta Conferência?

Pedro Almeida: Com esta comunicação pretendemos actualizar a comunidade dos psicólogos acerca da evolução e “estado da arte” nos contextos de desporto e actividade física bem como das perspectivas que enfrentamos no futuro. Neste sentido será comentada a recente extensão da aplicação desta área para contextos de performance, em particular em profissões com tarefas de grande exigência psicomotora e/ou onde o trabalho de equipa é essencial. Falamos de actores, músicos, cirurgiões, bombeiros, polícias de intervenção, operações militares, etc.

PSIS21: O que significa o título que escolheu para a comunicação?

PA: O que se pretende no fundo é simbolizar aquela que tem sido a mais recente evolução desta área. Muitos dos profissionais que actuavam no contexto do desporto e da actividade física, ao longo dos

anos, foram sendo solicitados para intervir em outros contextos de performance, onde há semelhanças muito grandes com a área do desporto. São profissões onde as tarefas têm uma componente psicomotora, ou onde o trabalho de equipa é fundamental e onde muitas delas têm uma grande preparação para um momento de actuação. Por exemplo, os contextos das «performing arts», forças de intervenção policial e forças militares.

PSIS21: Que é que muda na forma como os psicólogos actuam nestas áreas?

PA: Há uma adaptação a novos contextos, o que não quer dizer que se abandone o contexto do desporto e da intervenção no mundo da actividade física. Apenas acrescentamos outros campos de actuação porque o contexto assim pediu. O que não é muito diferente do que se passou no início da psicologia desportiva que enquanto ramo emergente foi buscar metodologias à psicologia geral, até

começar a desenvolver os seus próprios instrumentos.

PSIS21: As pessoas na área do desporto estão despertas para este tipo de intervenção? O que se pode fazer e que argumentos usar para as despertar para isto?

PA: Em Portugal estão tanto ou mais despertas como as pessoas de outras áreas da psicologia. É evidente que há áreas da psicologia mais desenvolvidas que outras. Esta área tem um alvo preferencial, como sejam atletas a título individual que procuram apoio, clubes ou associações desportivas, ou federações, isto no que diz respeito ao desporto de competição. Nas áreas da performance vão surgindo solicitações no contexto organizacional, no contexto artístico e em contextos de intervenção policial e bombeiros. Ou seja, contextos de equipas que têm muitas semelhanças com aquilo que é o funcionamento em termos de trabalho de equipa no desporto. A nível internacional é uma área que tem tido algum crescimento. Essa é a boa notícia.

Pedro Almeida | Professor auxiliar no Instituto Superior de Psicologia Aplicada (ISPA) | Coach de treinadores em equipas de alta competição (treinadores e atletas), nomeadamente, no SL Benfica | Apoia a área de Investigação do Center for High Performance nas áreas de coaching e equipas.

DAVID NETO

PRESIDENTE DA COMISSÃO ORGANIZADORA
DO 1º CONGRESSO NACIONAL DA ORDEM DOS PSICÓLOGOS

*“Este é o momento
para fazer um primeiro
encontro histórico”*

EM POUCO MAIS DE DOIS MESES CHEGARAM AO 1º CONGRESSO DA ORDEM DOS PSICÓLOGOS MAIS DE 450 APRESENTAÇÕES DE TODO O PAÍS. PARA A ORGANIZAÇÃO, ESTA É A CONFIRMAÇÃO QUE O CONGRESSO ESTÁ A CHEGAR AOS PSICÓLOGOS E QUE ESTES QUEREM, DA FACTO, FAZER PARTE DESTE MOMENTO HISTÓRICO.

PSIS21: Porquê um Congresso Nacional da Ordem?

David Neto: O congresso Nacional da Ordem tem como objectivo juntar os psicólogos do país inteiro. Pretende ser um congresso unificador dos psicólogos enquanto classe. A Ordem tem mais de um ano de existência, e este é o momento para fazer um primeiro encontro nacional, histórico e marcante, para a afirmação da Psicologia em Portugal. Queremos também que seja um evento onde os psicólogos mostrem o que fazem e que discutam o que é relevante para a prática profissional. Queremos um espaço onde os psicólogos debatam ideias e estabeleçam redes entre si.

PSIS21: O que é que torna este Congresso diferente de outros congressos de Psicologia?

DN: Em Portugal já existem bons congressos de Psicologia. Quer a nível de investigação nacional, quer a nível de determinados domínios de psicologia, ou de instituições. O Congresso Nacional da Ordem dos Psicólogos vai ser um encontro mais abrangente, em termos de participação, e mais centrado na profissão e nos assuntos relevantes para a prática da Psicologia. Além disso, é possível apresentar neste congresso coisas diferentes.

PSIS21: Sendo o congresso um encontro profissional, o que é que está preparado ao nível de discussões profissionais relevantes para os psicólogos?

DN: Estamos a organizar um conjunto de espaços estruturados de discussão relativamente a assuntos relevantes para a profissão. Por exemplo, no que concerne aos domínios da aplicação da Psicologia, na clínica, nas organizações e na educação estamos

a criar espaços de discussão sobre aspectos da identidade dos psicólogos, nestes diferentes contextos. Vamos ainda abordar questões mais específicas, por exemplo, relativas às necessidades dos estudantes de psicologia e reflectir sobre assuntos relacionados com o trabalho da Ordem. Falo, por exemplo, de algumas questões relativas ao Código Deontológico e questões éticas no contexto da prática. Vamos ainda procurar responder a algumas questões colocadas à Ordem, com a criação de espaços de discussão nesse domínio. A título de exemplo, discutir as formas de organização dos psicólogos nas instituições para a sua afirmação profissional.

PSIS21: Por detrás de todo este trabalho há uma equipa...

DN: Este é um congresso de grande dimensão e como tal dá muito trabalho. Temos uma Comissão Científica de qualidade que está responsável, entre outras coisas, pela apreciação das apresentações submetidas. Temos uma Comissão Organizadora, com pessoas de diversas zonas do país, que está a trabalhar nos aspectos da organização. Além destes, e como é um Congresso que envolve a Ordem, temos elementos da sua estrutura a trabalhar também no evento. É um congresso que mobiliza dezenas de pessoas na sua construção.

PSIS21: O que é que a organização tem planeado em termos de espaços sociais?

DN: Os espaços sociais inserem-se no objectivo que temos para a troca de experiências e contactos. Vamos criar momentos para as pessoas interagirem e trocarem ideias, no fundo, espaços



ANA MONIZ



ANA N. DA SILVA



ANA T. SUSTELO



CONSTANÇA BISCAIA



TERESA ESPASSANDIM



TIAGO PRÍNCIPE

que favoreçam a comunicação entre os profissionais. Estamos a preparar também uma gala, para o mesmo fim.

PSIS21: O Congresso recebeu mais de 450 apresentações. O que é que significa para a Comissão Organizadora este resultado?


DN: Ficámos muito satisfeitos com este facto. Foi a confirmação que, de alguma maneira, o congresso está a chegar a um nicho que não estava preenchido e a responder a uma necessidade da Psicologia em Portugal. Também significa que as pessoas estão a aderir. Mais ainda, nós ficámos particularmente satisfeitos tendo em conta a diversidade de contextos e riqueza das apresentações. Quer em termos de projectos, quer em termos de trabalhos de investigação. Como é um congresso histórico, as pessoas querem estar lá e nós estamos a ter essa indicação com estes números.

PSIS21: Porque é que é importante para os psicólogos participarem no Congresso?

DN: Este Congresso vai ser um momento histórico. Um grande Congresso, com muita mobilização, tem impacto em termos da percepção da força que a Psicologia tem em Portugal, e isto pode ter eco em termos políticos. É também um congresso em que a Ordem reúne os seus membros e, como tal, vai aproveitar a oportunidade para aprofundar, ainda mais, o seu entendimento das necessidades dos psicólogos. Vão ser apresentados conhecimentos derivados da prática, da investigação e da reflexão e vão ser discutidos temas relevantes para a profissão. Nós que-

remos mesmo que seja um congresso em que as pessoas sintam que foi muito importante terem lá estado. Que saiam beneficiadas na sua prática profissional por terem estado presentes.

PSIS21: Quem quiser saber mais informações sobre o Congresso como é que o pode fazer?

DN: Criámos um site exclusivamente para o congresso em congresso.ordemdospsicologos.pt. Temos também uma página no Facebook que pode ser pesquisada por «Congresso Afirmar os Psicólogos» e notícias no próprio site. Criámos também uma «mailing list» que os psicólogos podem subscrever para receberem as notícias por email. Para esclarecer dúvidas basta entrar em contacto com a Organização através do email congresso@ordemdospsicologos.pt. 

Comissão Organizadora | David Neto | Ana Moniz | Ana Nunes da Silva | Ana Teresa Sustelo | Constança Biscaia | Teresa Espassandim | Tiago Príncipe

WORKSHOP

Competências para a diversidade individual e cultural: Ser, saber e fazer psicologia com minorias

CARLA MOLEIRO | ISCTE

“É essencial que os psicólogos aprendam a trabalhar com pessoas de origens e grupos diferentes”

O Workshop de Carla Moleiro tem como objectivo “promover competências para o trabalho dos psicólogos com pessoas que pertençam a minorias”. Em particular, minorias étnicas e migrantes, bem como com pessoas e famílias lésbicas, gays, bissexuais e transgénero. Pretende-se assim «explorar os componentes da consciência de si e do outro (ser), do conhecimento necessário (saber) e das competências práticas (fazer) para o trabalho com clientes de grupos minoritários».

Numa sociedade cada vez mais diversa e global, “é essencial que os psicólogos aprendam a trabalhar com pessoas de origens e grupos diferentes”. Factores como a idade, o sexo, a orientação sexual, a identidade de género, a origem étnica, a cultura, a nacionalidade, a religião, a língua, o nível socioeconómico e a incapacidade são importantes a ter em conta na intervenção do psicólogo, uma vez que estes factores podem ter impacto na saúde, bem-estar e qualidade de vida dos indivíduos, famílias, grupos e comunidades. Sabe-se que poderá existir discriminação e homofobia nos sistemas de saúde e que estes, segundo um estudo recente, não garantem na sua maioria um tratamento justo, equiparável e culturalmente apropriado a imigrantes

e minorias. A formação neste sentido é fundamental e os psicólogos podem ter um papel central ao dar voz às necessidades específicas destes grupos.

Para intervir junto das minorias é necessário treino específico. É necessário ter em conta que o psicólogo tem os seus próprios valores e preconceitos e que pode ser influenciado por isso, conscientemente ou não. Mas há também outros componentes importantes a ter em conta. Por um lado, o conhecimento específico, por exemplo, dos efeitos do stress de aculturação, do impacto da vitimização e homofobia internalizada, dos processos de desenvolvimento identitário e das suas limitações, etc. Por outro, as competências práticas, ou seja, fazer escolhas adequadas em termos de instrumentos de avaliação psicológica de crianças migrantes, diferenciar práticas educativas negligentes de práticas culturalmente diferentes e os seus limites, executar avaliações de competências parentais independentemente da origem cultural e orientação sexual de um progenitor, entre outros.

Ao nível do desenvolvimento de competências de quem opta por fazer o workshop, pretende-se trabalhar a sensibilização para a temática e para diferentes grupos, nomeadamente no caso dos refugiados, com características especiais no âmbito da migração forçada e da exclusão social, e na intervenção clínica com pessoas transsexuais, com quem os psicólogos têm agora um trabalho relevante em Portugal, contemplado na nova lei sobre a identidade de género. Pretende-se também desenvolver algum conhecimento e competências, com role-plays e vídeos,



“Promover competências para o trabalho dos psicólogos com pessoas que pertençam a minorias”

discussões e partilhas. No fundo, «plantar a semente» para quem quiser começar a trabalhar de forma diferente com elementos destes grupos. ■

Então e a família? Contributos para o sucesso terapêutico...

CONCEIÇÃO OLIVEIRA NEVES

| Serviço Psicologia Clínica e Psicoterapias (CHPL)

“A inclusão da família na consulta favorece uma visão alargada do problema”



Este é um Workshop que pretende, sobretudo, sensibilizar para os benefícios da consulta de família e também partilhar algumas técnicas de intervenção, que podem ser utilizadas neste contexto. Para Conceição Oliveira Neves, a inclusão da família na consulta favorece uma visão alargada do problema, o que permite intervir de uma forma mais eficaz e possibilita uma intervenção mais abrangente. Esta inclusão, com a redefinição do problema individual numa questão de comunicação familiar, contribui para que os restantes membros da família também se envolvam no processo de mudança.

«Eu gostava de conseguir transmitir aos colegas que fizeram este workshop, a confiança que sinto nos recursos que as famílias têm para resolver as suas dificuldades quando envolvidas nos pro-

cessos», refere Conceição Neves, acrescentando que esta é também uma boa oportunidade para serem colocadas dúvidas e discutir casos.

Quem fizer o Workshop ficará com uma visão mais alargada dos problemas, aprenderá a utilizar técnicas facilitadoras da intervenção com famílias e terá a oportunidade de discutir casos práticos. «Um psicoterapeuta que só fez o seu treino em intervenções individuais e que, embora não pretenda fazer formação em terapia familiar, acredita nos benefícios de uma ou várias consultas de família, pode ainda pedir a colaboração de um colega terapeuta familiar para o fazerem conjuntamente», e este workshop dar-lhe-á alguns conhecimentos essenciais nesse sentido.

Mesmo tendo feito todo o seu treino em intervenções individuais, um psicólogo que está sensibilizado para participar neste workshop «certamente que sente necessidade de novos conhecimentos que o auxiliem nas suas intervenções e percebe que o envolvimento da família facilita o processo de mudança». A questão será como fazê-lo, ou em que casos, ou com que técnicas. É por esta razão que este workshop poderá ser um bom contributo. ■

WORKSHOP

Intervenção psicológica em crise e emergência: Entre o risco e a oportunidade

MÁRCIO PEREIRA | INEM

“A importância da intervenção psicológica em crise e emergência reside no seu carácter preventivo”

A importância da intervenção psicológica em crise e emergência reside “no seu carácter preventivo”, garante Márcio Pereira. Ao estar presente no momento da crise, o psicólogo tem a oportunidade de avaliar *in loco* a sintomatologia, de monitorizar a evolução e de detectar precocemente o início da psicopatologia permitindo, desta forma, um melhor prognóstico. Estudos relativos ao stress pós-traumático indicam que de 15 a 20% das pessoas sem doença mental prévia, que passam por incidentes críticos, desenvolvem psicopatologia. A realização da intervenção psicológica em crise permite reduzir entre 60 a 80% o aparecimento da perturbação de stress pós-traumático.

Este workshop tem assim como objectivo sensibilizar para a especificidade da intervenção psicológica em crise e emergência e o treino de técnicas a utilizar em situação de crise. Serão abordados os princípios teóricos e técnicos subjacentes à intervenção psicológica em crise e aos primeiros socorros psicológicos em situação de catástrofe, com o recurso a metodologias activas.

Na intervenção em crise o objectivo principal é a prevenção, a regulação emocional e o restabelecimento do funcionamento adaptativo em contraste com a reparação, a reconstrução e o desenvolvimento pessoal que são objectivos das intervenções mais tradicionais. A intervenção na crise exige do psicólogo um papel mais activo e directivo, tendo em conta a sua duração, um a quatro contactos, e a flexibilidade suficiente para realizar a intervenção nos mais diversos contextos, muito frequentemente próximo do agente desencadeador da crise.



Márcio Pereira alerta, no entanto, para os efeitos nefastos que a má intervenção na crise poderá ter. Neste caso pode funcionar como mais um factor de risco na situação. É por isso de extrema importância que só realize intervenção em crise na emergência quem tem formação para tal.

O psicólogo no INEM constitui uma mais-valia no Sistema Integrado de Emergência Médica a três níveis. Por um lado, para as vítimas, nos eventos potencialmente traumáticos, permitindo uma avaliação e estabilização emocional no local da ocorrência, de forma a evitar o despoletar de psicopatologia posterior ao incidente. Por outro lado, ao estar presente no local, integrado numa equipa multidisciplinar, o psicólogo pode intervir directamente com os profissionais nos eventos potencialmente traumáticos. Também para o SNS e sociedade em geral, o psicólogo ajuda a diminuir a probabilidade de desenvolvimento de psicopatologia e ao estabilizar as vítimas em crise, evitam-se hospitalizações ou idas desnecessárias às urgências, e ao manter a pessoa activa diminui-se o absentismo e o consumo de medicação. ■

“A realização da intervenção psicológica em crise permite reduzir entre 60 a 80% o aparecimento da perturbação de stress pós-traumático”

Procuram-se programas milagrosos: Primeiros tempos de sobrevivência no mundo da promoção das competências sócio-emocionais

RAQUEL RAIMUNDO | Gabinete de Psicologia do Colégio Valsassina



Aqui pretende-se promover a reflexão e a partilha em torno do já extenso corpo empírico, de uma forma experiencial, abordando não só as práticas que têm alcançado melhores resultados, mas também as armadilhas a evitar. Para Raquel Raimundo, a tendência tem sido cada psicólogo, quando chega ao mercado de trabalho, criar o seu próprio programa “milagroso”, que vai alcançar resultados extraordinários numa lógica de “reinvenção da roda”, ignorando todo o trabalho feito por outros profissionais e investigadores. Daí a importância da reflexão sobre as práticas bem-sucedidas.

A selecção de um programa de competências deve ser feita com ponderação e atender a vários parâmetros, dado que existe uma grande variedade. Na escolha deve ter-se em conta um programa que tenha sido alvo de uma avaliação rigorosa, com evidências acerca da sua eficácia na promoção da saúde e bem-estar, na redução de problemas de ajustamento e na melhoria do desempenho académico. Deve fazer-se também um diagnóstico apurado do público-alvo para que seja feita uma boa adaptação do programa que leve a comunidade a senti-lo como seu.

Muitos programas de competências aplicados em Portugal são desenvolvidos no estrangeiro e por isso existem, por vezes, apelos para a utilização de programas “made in Portugal”. Para Raquel Raimundo, o ideal será percorrer este caminho, mas “um carimbo nacional não é garantia, por si só, de que os programas portugueses serão uma escolha melhor”. Alguns programas estrangeiros, sujeitos a avaliações ao longo de décadas em dezenas de países, têm provado que, com algumas pequenas adaptações culturais, conseguem alcançar bons níveis de eficácia.

O erro mais comum destas intervenções é dedicar pouco tempo ao planeamento. Não equacionar uma primeira implementação piloto antes de se avançar com a sua disseminação, e não ponderar uma avaliação rigorosa, tanto no que diz respeito ao seu impacto, como ao processo de implementação pode também revelar-se desastroso. Outra armadilha frequente, segundo a autora do workshop, é traçar como objectivo que o programa consiga melhorar todas as competências sócio-emocionais e reduzir todos os problemas de comportamento.

No contexto educativo é importante desenvolver competências sócio-emocionais “essenciais para o sucesso na vida”. Os pais têm um papel importante e podem dar uma grande ajuda, tal como no ensino da aritmética ou da ortografia, mas assim como é necessário o ensino explícito destas competências, também o é no caso das competências sócio-emocionais, “a aritmética e a ortografia do mundo intra e interpessoal”. Estas competências, segundo Raquel Raimundo, devem ser ensinadas de forma progressiva e coordenada, desde tenra idade. ■

“É importante a reflexão sobre as práticas bem-sucedidas”

WORKSHOP

Psicopatia e sucesso social: Os psicopatas entre nós

RUI ABRUNHOSA GONÇALVES | Universidade do Minho

“Será demonstrado como identificar a psicopatia através de uma metodologia científica e empiricamente validada”

A psicopatia é uma desordem da personalidade que afecta virtualmente 1 a 2% da população geral e está presente entre 10 a 15% da população forense. A partir do advento da *Psychopathy Checklist-Revised* e da sua sucedânea para populações não-forenses, os investigadores e os profissionais passaram a dispor de um instrumento fiável para o diagnóstico desta desordem. Neste workshop serão referidos dados da aplicação da PCL-R em amostras forenses nacionais, após o que se procederá à identificação de traços psicopáticos em indivíduos não referenciados pelo sistema de justiça.

Com este Workshop pretende-se uma consciencialização para este tipo de perturbação da personalidade, quer num contexto forense quer num contexto mais comunitário. Além disso será demonstrado de forma breve como identificar a psicopatia através de uma metodologia científica e empiricamente validada.

Um psicopata que tenha um nível de ajustamento adequado à sociedade, vê a sua personalidade mais favorecida em contextos onde existe menor nível de controlo na selecção dos sujeitos à entrada, ou ainda onde se favorecem atitudes e comportamentos de tipo psicopático, como a busca de sensações, a temeridade, o desejo de correr riscos, a noção de que tudo se justifica em função dos objectivos finais, a falta de solidariedade, o egoísmo, a desonestidade, a falta de lealdade e a ausência de expressões emocionais e afectivas, entre outros aspectos. No entanto, os psicopatas devem ser identificados e controlados, de forma a reduzir o seu potencial de letalidade.

Neste Workshop, os participantes serão convidados a cotar protocolos a partir de casos reais e a exercitar o seu espírito crítico perante personagens actuais por forma a compreender o impacto que a disseminação de atitudes e comportamentos psicopáticos poderão ter na vida de todos nós, no presente e no futuro. ■





FUNDAMENTAL PARA O EXERCÍCIO DA PSICOLOGIA

Documento disponível em www.ordemdospsicologos.pt

WORKSHOP

Relatório de avaliação psicológica em contexto forense: Aspectos práticos e metodológicos

CRISTINA SOEIRO | Inst. Sup. da Polícia Judiciária e Ciências Criminais



“Pode existir um conflito entre os interesses do indivíduo e do tribunal e do Sistema Judicial”

Este encontro pretende promover um espaço de análise e discussão sobre o trabalho do psicólogo no contexto forense, enquanto perito. Esta área de trabalho do psicólogo, que visa contribuir para a qualidade da decisão judicial, apresenta hoje um conjunto de metodologias e práticas profissionais que necessitam ser analisadas e ajustadas e partilhadas entre os psicólogos especializados nesta área da Psicologia. É por isso urgente a definição e partilha de boas práticas neste contexto.

Este workshop promove um contexto de reflexão sobre as especificidades do trabalho do psicólogo forense que, através do debate, permita identificar os diferentes tipos de pedidos de relatório que são solicitados ao Psicólogo Forense, caracterizar algumas das características das entidades que fazem esses pedidos: os contextos penal, cível, família e menores e particularizar as suas especificidades relativamente ao tipo de solicitações efectuadas ao psicólogo forense. Deve ajudar também a caracterizar os aspectos que definem o papel do psicólogo enquanto perito, definir as especificidades associadas aos aspectos metodológicos que devem ser considerados na elaboração de um relatório de avaliação forense e definir os diversos pontos que devem estar presentes num relatório de avaliação forense.

No que diz respeito à diferença entre a avaliação psicológica no contexto forense e outros contextos, pode existir um conflito entre

os interesses do indivíduo e do tribunal e do Sistema Judicial, e pode também haver ausência da confidencialidade do «paciente», já que a informação é partilhada com o Sistema de Justiça. Além disso, a participação do indivíduo é desencadeada por contextos externos e independentes da sua vontade. Os objectivos e prazos são ditados pelo tribunal e não pelo psicólogo, a avaliação surge como algo definitivo que não pode ser alterado posteriormente, há afastamento entre a fase de avaliação e a intervenção psicológicas, há adaptação de conceitos técnicos a um contexto externo à Psicologia e avaliação psicológica sujeita a uma intervenção externa.

No que concerne aos aspectos deontológicos específicos a este tipo de avaliações importa, em primeiro lugar, ter presente quem é o cliente, em segundo lugar considerar os aspectos associados ao consentimento informado e em terceiro lugar ter presente as questões associadas aos contextos da quebra de confidencialidade.

As competências a desenvolver neste workshop procuram englobar aspectos conceptuais, metodológicos e processuais relativos ao «Porquê da perícia psicológica», «Processo de avaliação psicológica», «Características do relatório» e «Pontos a incluir num relatório forense». ■

O poder e a complexidade das intervenções em grupo

ISABEL GONÇALVES | Instituto Superior Técnico



“As intervenções em grupo permitem complementar, aprofundar e rentabilizar as intervenções individuais”

Este workshop tem como objectivo a apresentação de alguns princípios gerais do funcionamento das intervenções psicológicas em grupo, com particular destaque para as intervenções clínicas em grupo. Os participantes terão a oportunidade de experienciar algumas didácticas em grupo, permitindo-lhes elaborar alguns aspectos inerentes à complexidade do trabalho com grupos, ao tipo de preparação profissional que esse trabalho exige e ainda aos modos como as intervenções em grupo podem permitir a promoção da mudança individual. Serão ainda explorados alguns princípios gerais relativos à optimização das intervenções em grupo tomando como ponto de partida sobretudo o modelo existencial de I. Yalom.

As intervenções em grupo derivam o seu poder da possibilidade de aprender por modelagem, da normalização das dificuldades pela vivência da sua universalidade, pela possibilidade de partilhar informação com indivíduos distintos, pela promoção da esperança e pelas possibilidades de treino de competências interpessoais que proporcionam. Permitem ainda complementar, aprofundar e rentabilizar as intervenções individuais, sejam elas clínicas ou não.

As desvantagens da intervenção em grupo são exploradas no decurso da organização inicial do grupo e incluem os critérios de inclusão e exclusão de elementos prospectivos, a gestão dos

«drop-outs» e dos encontros fora do contexto do grupo, bem como das questões da preparação e perfil do próprio psicólogo que cria, mantém e desenvolve o grupo ao longo do tempo.

Este workshop ajudará a adquirir competências introdutórias para a intervenção psicológica em grupo, confrontar as vantagens e inconvenientes da intervenção em grupo por comparação com as intervenções do mesmo tipo, mas em recorte individual, e ainda reflectir de modo estruturado sobre o tipo de preparação e acompanhamento profissionais que este tipo de intervenção exige.

Os psicólogos que já possuam alguma experiência de intervenções em grupo poderão ter a oportunidade de partilhar as suas experiências e de desenvolver um conjunto de estratégias profissionais que lhes permitam obter um maior rendimento desse tipo de intervenção, encontrando formas de minorar as desvantagens e de incrementar as vantagens do trabalho em grupos.

WORKSHOP

Introdução ao Coaching

JAIME F. SILVA

| Dave Morgan

O objectivo deste workshop é fornecer aos participantes uma estrutura teórico-prática do que é o Coaching, como se desenrola o processo e que ferramentas conceptuais e práticas são mais utilizadas. Será apresentado o modelo de coaching co-activo, uma referência ao nível internacional e elucidadas as diferenças entre coaching e psicoterapia. Os participantes poderão também “vestir a pele” do coach e do coachee.

O coaching é uma intervenção de natureza psicológica, assente na relação de ajuda do coach para clientes, denominados coachees, centrada no desenvolvimento das competências profissionais e pessoais destes, individualmente ou em grupo, com características que o diferenciam de outras intervenções, como a psicoterapia, o mentoring ou a formação. Pode ser muito útil na abordagem de quaisquer tópicos da vida profissional e pessoal que necessitem ser trabalhados. Podem trabalhar-se questões mais específicas como a comunicação interpessoal, as competências de negociação e a assertividade bem como questões mais abrangentes como a visão e estratégia empresarial, a gestão da carreira, o estilo de vida. O forte impacto, adesão e resultados que o coaching tem vindo a conhecer no mundo empresarial, encorajou a sua aplicação noutros contextos como a família, a Educação e a Saúde.

Num mundo globalizado, pautado pela transitoriedade dos adquiridos, o ser humano é instado a sair, frequentemente, da sua zona de conforto, explorando as potencialidades e recursos de que dispõe, com vista a, momento a momento, encon-



*“Os participantes poderão
«vestir a pele» do coach e do coachee”*

trar soluções mais adaptativas e eficazes. A relação de coaching, ao proporcionar aceitação empática, sigilo absoluto e crença firme no potencial do coachee, torna possível uma abordagem descomplexada das variáveis presentes no processo e a construção de soluções geradas pelo próprio coachee, alicerçada nas questões pertinentes colocadas pelo coach.

O coaching co-activo designa-se como tal para enfatizar o coach e o coachee como elementos centrais do processo. Este modelo está ancorado em quatro pilares. Em primeiro lugar, a crença de que o coachee é, naturalmente, criativo, pleno de recursos e completo. Em segundo, a aceitação

de que a agenda do coaching é trazida pelo cliente. Em terceiro, a necessidade do coach «dançar» e fluir com o coachee em cada momento do processo. Por último, a possibilidade de trabalhar quaisquer dimensões da vida profissional e pessoal do coachee.

Quem fizer o workshop adquire uma compreensão dos fundamentos teóricos do coaching e uma oportunidade de experienciar o processo, dado que cada participante assumirá, à vez, o papel de coach e de coachee. Adicionalmente, uma oportunidade de conhecer e experimentar algumas das ferramentas do coaching. ■

Da sardinha em lata à perdiz à Convento de Alcântara. Ou a avaliação psicológica: O quê?

MARIA JOÃO SILVA

| Centro Hospitalar Psiquiátrico de Lisboa

Este é um workshop que pretende fomentar a discussão em torno da avaliação psicológica e tem como objectivo promover uma análise cuidada relativamente aos métodos, análise de resultados e elaboração do relatório, que possam contribuir para uma prática científica sistematizada. Neste sentido, este visa a discussão clínica de processos, métodos, análise de resultados e elaboração de relatório, de forma a contribuir para o exercício da avaliação psicológica nas suas diferentes valências: diagnóstico diferencial, peritagem para junta médica, forense, atribuição de licenças de uso e porte de arma, licença para ser dono de cães de raça perigosa, obtenção e renovação de carta de condução.

A avaliação psicológica deve ser entendida como uma contribuição para a compreensão do indivíduo através do “estudo dos processos psicológicos inerentes na interacção com o seu meio biopsicossocial, emoções daí resultantes e personalidade subjacente, numa relação intersistémica permanente e que o torna único”.

Para Maria João Silva, a avaliação psicológica tem que necessariamente ser diferenciada porque, em última instância, resulta de um pedido para compreender um determinado indivíduo, como sejam, actividade psicológica, deficiências, perturbações ou alterações do comportamento, personalidade subjacente e a sua relação com o meio em geral ou com um contexto, actividade em particular. “A avaliação psicológica deve contribuir para conhecer o que é único e específico de cada um mas igualmente integrar o

“A avaliação psicológica deve ser entendida como uma contribuição para a compreensão do indivíduo”

que é pertinente pesquisar para o pedido solicitado, apesar de estarmos sempre a sintetizar uma realidade muito complexa”, defende.

A aplicação de provas faz parte da metodologia e técnica inerente a este processo de pesquisa e que contribui para a objectividade e rigor científico, “mas que não exclui a importância e mais-valia do método clínico”. Faz também sentido, segundo a psicóloga, pensar numa integração da avaliação e da intervenção psicológicas, uma vez que “naturalmente, a avaliação psicológica é a compreensão do que é único no indivíduo e na relação com

o seu mundo interno e externo”, o que por si só justificaria a pertinência da sua intervenção num contexto de intervenção.

Também os resultados obtidos são as produções do indivíduo naquele momento e contexto da sua vida, no âmbito de uma relação clínica e como tal podem ser terapêuticamente explorados. Maria João Silva levanta também a questão da necessidade de se aplicar «o conceito de evidência à intervenção psicológica».

WORKSHOP

Avaliação da qualidade da relação entre pais e filhos: Observação de interações

RUTE AGULHAS

| Instituto Nacional de Medicina Legal

“Observar as dinâmicas relacionais é uma forma privilegiada de aceder à riqueza da interacção familiar”

Este workshop centra-se na observação das interações entre pais e filhos. Observar as dinâmicas relacionais assume-se como uma forma privilegiada de aceder à riqueza da interacção familiar, permitindo observar desde aspectos de natureza mais periférica, como aparência geral, actividades lúdicas escolhidas pelos pais e até outros mais centrais, como padrões de comunicação verbal, expressão emocional, estratégias de gestão de conflitos e definição de limites, prestação de cuidados a crianças mais novas. Apesar das limitações que esta estratégia de avaliação possa ter, é consensual a importância desta metodologia enquanto forma complementar de avaliação.

A forma como os pais influenciam os filhos é uma questão já amplamente estudada, nomeadamente o impacto que as estratégias educativas e os afectos parentais dos pais podem ter ao nível do desenvolvimento dos filhos. De uma forma geral, pode afirmar-se que práticas parentais mais indutivas e um afecto parental positivo prediz consistentemente um desenvolvimento e ajustamento adequados da criança. Já as práticas mais centradas na afirmação do poder e na supressão do afecto positivo surgem relacionadas com perturbações no desenvolvimento e no funcionamento sócio-emocional das crianças.

Um exercício adequado da parentalidade implica, então, a capacidade dos pais em conseguirem satisfazer necessidades das crianças a vários níveis, desde as necessidades mais básicas, de sobrevivência e saúde, até às necessidades de interacção social e de integração na comunidade, constituindo-se a família como o primeiro contexto de socialização.

A avaliação das competências parentais é um processo complexo que se justifica em situações onde existe algum indício de que as necessidades da criança possam não estar a ser satisfeitas de forma adequada. Este processo de avaliação deve ser conceptualizado de forma a envolver todo o sistema familiar, recorrendo a diversas fontes de informação e múltiplas estratégias de avaliação, destacando-se a importância da avaliação da relação pais/filhos e do contexto onde esta se desenvolve.

Este workshop incentivará a discussão e o debate em torno desta estratégia de avaliação, fomentando a troca de saberes e experiências entre os vários participantes. Irá centrar-se, acima de tudo, numa abordagem de natureza mais prática, através do visionamento e discussão de alguns excertos de interações familiares, a partir dos quais será feita a conceptualização teórica desta metodologia de avaliação. ■

OPP ORGANIZA CONGRESSOS INTERNACIONAIS



2013 | 2014

A ORDEM DOS PSICÓLOGOS PORTUGUESES ORGANIZARÁ EM 2013 O CONGRESSO DA INTERNATIONAL SCHOOL PSYCHOLOGY ASSOCIATION (ISPA), E EM 2014 O CONGRESSO DA FEDERAÇÃO IBEROAMERICANA DE PSICOLOGIA (FIAP).

“... participámos em congressos, e tentámos inscrever Portugal e a Ordem dos Psicólogos na rota de importantes congressos internacionais.”



Os congressos são momentos muito importantes para os psicólogos, para as organizações e para o avanço científico e profissional. Por isso, tem sido uma das prioridades da Ordem envolver-se com organismos de relevo do mundo da Psicologia e ajudar a promover o nosso conhecimento e práticas. Desde os primeiros momentos, e aproveitando relações anteriores à sua constituição, estabelecemos contactos com diversas organizações, participámos em congressos, e tentámos inscrever Portugal e a Ordem dos Psicólogos na rota de importantes congressos internacionais.

Assim, propusemos a nossa candidatura à organização de dois congressos internacionais em Portugal, um em 2013 e outro em 2014 e, em ambos os casos fomos bem sucedidos. O que demonstra a confiança e o reconhecimento que estas organizações têm numa Ordem tão jovem, mas que tem sido capaz de se impor na cena internacional.

A primeira proposta que foi aceite foi a da realização no nosso país do Congresso da Federação Iberoamericana de Psicologia (FIAP), organização de que somos membros. A FIAP é uma federação que inclui Espanha, Argentina, Colômbia, Peru, Uruguai, Brasil, México e Guatemala.

O VIII Congresso Iberoamericano de Psicologia decorrerá este ano, de 10 a 13 de Outubro em São Paulo, Brasil. A Ordem estará presente para receber a tarefa de organizar o congresso que decorrerá em Portugal, e que será o IX Congresso da FIAP. A FIAP tem um papel fundamental na afirmação da psicologia que se escreve em espanhol e em português. Através da rede aberta de publicações Redalyc criou-se um acesso alargado às publicações em português e espanhol, que constituem um enorme repositório do que se faz em psicologia fora do universo anglo-saxónico. Tem sido crescente a influência do mundo iberoamericano e faz parte da estratégia de afirmação da Ordem

reforçar os laços com os países membro da FIAP, e até mesmo alargá-los. Para esse efeito a Ordem está a desenvolver contactos com os países africanos de língua oficial portuguesa, de forma a promover a sua inclusão no seio da FIAP. Alargar-se-á assim a esfera de influência da FIAP, e a afirmação do português e do espanhol, como línguas de publicação científica da psicologia, ganhará maior dimensão.

A segunda proposta aceite foi a da realização do Congresso da International School Psychology Association (ISPA) que terá lugar no mês de Julho de 2013.

A International School Psychology Association é uma organização internacional, fundada em 1982, para ajudar a promover a psicologia escolar nas suas diversas vertentes. Da sua missão consta a promoção de princípios psicológicos válidos no campo da educação bem como encorajar a comunicação entre profissionais que se dedicam a melhorar o bem-estar e a saúde mental das crianças. O último congresso da ISPA decorreu na Índia e o próximo será já este ano, entre 9 a 13 de Julho, em Montreal no Canadá. Portugal será o organizador do 35º Congresso da ISPA.

Estes dois congressos, que a Ordem dos Psicólogos organizará no território nacional serão, sem dúvida, oportunidades para os psicólogos portugueses participarem e apresentarem os seus trabalhos.

Numa altura em que realizamos o nosso Congresso não queríamos deixar de lado o anúncio destas oportunidades para os psicólogos, e desejamos que as experiências, estudos e reflexões dos psicólogos portugueses possam estar bem representadas nos Congressos que organizaremos. Por isso, comece já a pensar na participação nos próximos. Iremos dando notícia dos vários momentos organizativos destes congressos. ■



ORDEM
DOS
PSICÓLOGOS

Se estás a acabar o curso de psicologia,
lê este anúncio com atenção!

Quem procura um profissional, espera encontrar um profissional!

E essa garantia está numa entidade que cria regras, as faz cumprir e não dá margem para dúvidas ou falhas.

INSCREVE-TE* NA ORDEM DOS PSICÓLOGOS EM
www.ordemdospsicologos.pt

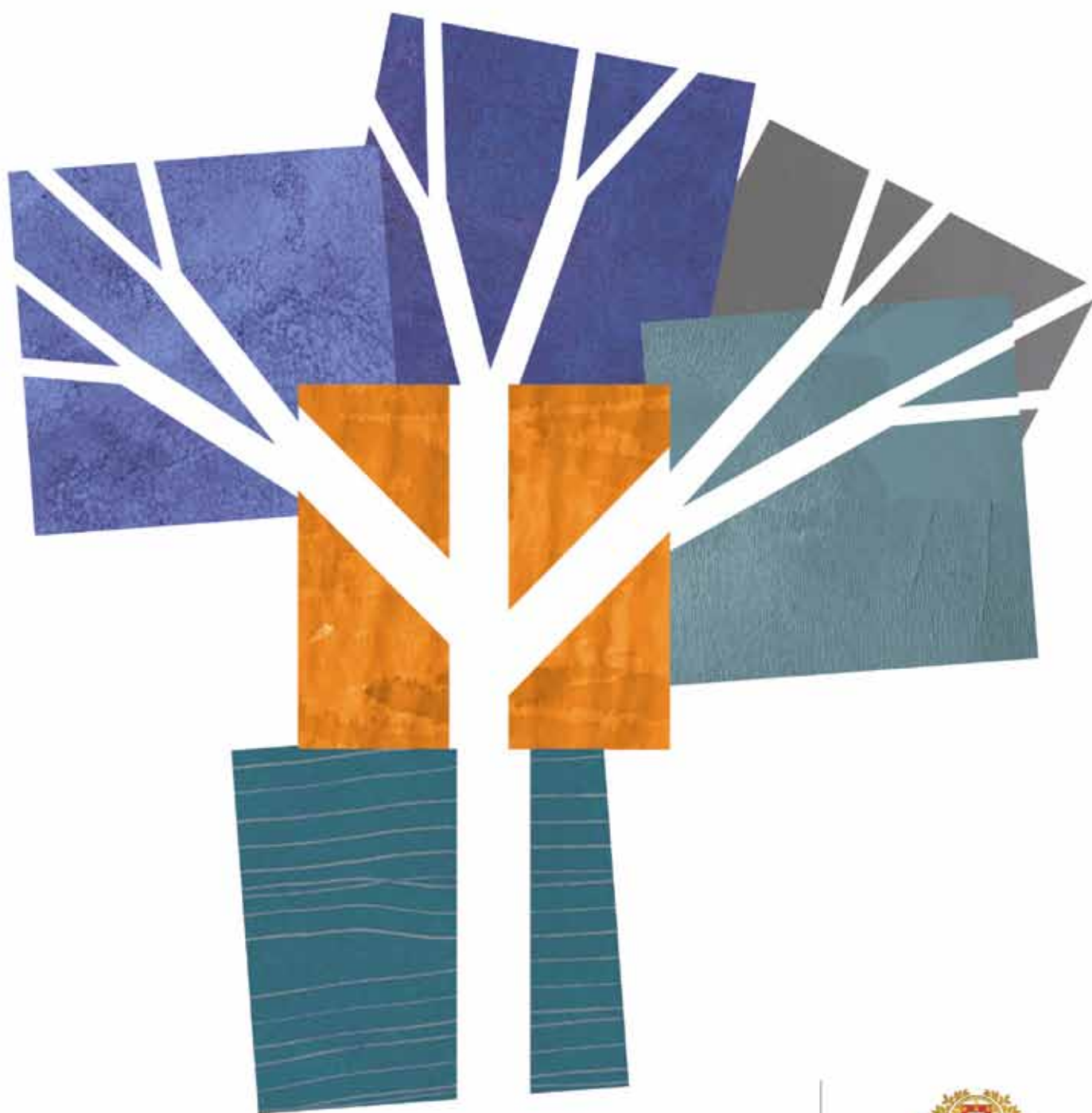
É obrigatório para o exercício da profissão.
Defende os teus direitos e o futuro da Psicologia em Portugal!

* A inscrição só é permitida após a concretização do curso de Psicologia.

ORDEM DOS PSICÓLOGOS PORTUGUESES
Travessa da Trindade, N.º 16, 5.º A, 1200-469 LISBOA | Tel. +351 213 400 250/1 Fax. +351 213 400 259
Email: info@ordemdospsicologos.pt | www.ordemdospsicologos.pt

AFIRMAR OS PSICÓLOGOS

1º CONGRESSO NACIONAL
DA ORDEM DOS PSICÓLOGOS PORTUGUESES
CENTRO CULTURAL DE BELÉM
18 A 21 ABRIL 2012



COM O ALTO PATROCÍNIO
DE SUA EXCELÊNCIA



O Presidente da República